

## Afinidades improváveis: à guisa de introdução

Pedro Moballem<sup>1</sup>

Após uma sequência de quatro números temáticos – “Especial 100 Grandes Poemas da Índia”, “Especial ‘Os Russos Estão Chegando’”, “Especial Autoras Latino-Americanas” e “Especial Literatura Nórdica” –, a *Cadernos de Literatura em Tradução* apresenta mais um número de caráter geral. A presente edição é vasta no número de páginas como em contribuições para os estudos tradutológicos: são traduzidos verso, prosa e teatro; poemas, contos, novelas e crônicas; traduzem-se para o português obras do inglês, espanhol, híndi, náhuatl, russo, entre outros; o português, todavia, não é a única língua-meta, figurando também traduções para o inglês e chinês. Com o texto traduzido sempre acompanhado de uma descrição do percurso tradutório, o leitor não se verá desprovido de notas explicativas e de cunho biográfico acerca dos autores estrangeiros. Além das traduções comentadas, este número geral traz ensaios e artigos dedicados à história e crítica da tradução, e a já tradicional e esperada entrevista com a tradutora. Em uma comunhão de vozes separadas por séculos e oceanos, o ato tradutório faz com que se percebam afinidades superiores aos domínios da literatura – sem que esta seja, absolutamente, ignorada.

No campo da tradução poética, Sara Lelis de Oliveira apresenta tradução inédita para o português de dois cantos dos *Cantares Mexicanos*, escritos em náhuatl clássico, língua indígena franca registrada em latim no contexto da catequização. A autora debruça-se sobre as deturpações de sentido decorrentes da intervenção do pensamento cristão sobre os elementos culturais e religiosos presentes nos textos transcritos.

---

1 Poeta e tradutor. Bacharel em Letras: Português-Inglês e Mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo.

Pedro Augusto Pinto traduz e comenta “*A Morte de um Poeta*”, estreia literária de Mikhail Iúrevitch Lérmontov, um dos mais importantes poetas russos do século XIX, fornecendo um breve panorama do contexto histórico e cultural no qual o autor e a obra traduzida se inserem.

Marina Darmaros traduz dois poemas de Semion Nadson, poeta da Rússia Imperial, não sem antes propor um sumário biográfico do autor e de sua fortuna crítica, descrita como um “legado contraditório”, devido à falta de consenso entre os estudiosos acerca do caráter de sua obra, bem como de sua vida.

Luciane Bonace traduz e comenta sete poemas escritos durante a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente por crianças e jovens no campo de concentração de Terezín. Traduzidos do tcheco para o português, os poemas contribuem para que se entenda o holocausto na visão dos mais jovens, que, apesar da pouca idade, mostravam-se bastante conscientes da situação em que viviam.

Alan Cardoso da Silva analisa e traduz para o português três poemas de Samuel Beckett, escritos durante o avanço do movimento nazista na França, e ainda inéditos no Brasil. A escolha dos poemas se deu a fim de se rememorar o pensamento antifascista do dramaturgo.

Cláudia Tavares Alves propõe tradução e análise de três poemas de Franco Fortini, que se destacou no período de intensa atividade intelectual da Itália posterior ao fascismo.

Marina Leivas Waquil traduz e comenta “*Malinche*”, de Rosario Castellanos, autora mexicana ainda inédita no Brasil. Sua proposta se assenta na reflexão da tradução feminista de Barbara Godard.

Li Li analisa sua tradução para o chinês de quatro poemas do escocês Edwin Morgan, considerado o mais importante poeta de seu país. Baseando-se na obra reunida por James McGonigal, comenta as implicações funcionais de suas escolhas ao transpor o texto para um público pouco familiarizado com a obra de Morgan.

Sofia Lopes traduz e comenta dois poemas de Charles Bukowski, “*an almost made up poem*”, do livro *Love is a Dog from Hell* (1977), e “*eulogy to a hell of a dame*”, de *War All the Time* (1984), buscando preservar o efeito estilístico dos textos e seu equilíbrio entre o lírico e o brutal, característica marcante na obra do poeta.

Na prosa, João Cândido Maia comenta sua tradução da narrativa “*Unverhofftes Wiedersehen*”, de Johann Peter Hebel, a partir da leitura de Walter Benjamin, justificando as soluções tradutórias aplicadas a fim de aproximar o leitor da tradução da posição do leitor visado por Hebel.

Davi Silva Gonçalves traduz crônica do autor nicaraguense Rubén Darío intitulada “Edgar Allan Poe”, com base em duas premissas: manter os elementos responsáveis pelo ritmo acelerado ou “elétrico” do texto e enfatizar seu caráter hipertextual e híbrido, lidando com as inúmeras referências literárias e extraliterárias presentes na narrativa.

Gisele Lemos traduz do hindi e comenda “O teste”, conto de Munshi Premchand inspirado no episódio da invasão de Delhi pelo monarca iraniano Nadir Shah em 1739. Objetivando transmitir a ideia de ser a mulher a responsável por preservar a tradição e a moral na sociedade indiana, o texto é repleto de estereótipos de gênero, e seu estilo simples e objetivo é uma das principais marcas preservadas pela tradutora.

Aline Duvoisin e Juliana Steil traduzem o conto “*El cazador de orquídeas*”, do argentino Roberto Arlt, situando-o no projeto criativo do autor. A proposta tradutória de Steil e Duvoisin é voltada para a preservação de marcas da oralidade e segue na esteira dos estudos de Britto (2012).

Simone Pereira Gonçalves apresenta tradução do romance urbano *Blutsbrüder* (*Irmãos de Sangue*), de autor desconhecido, publicado pela primeira vez em 1932 e censurado pela ditadura nazista. Sua proposta de tradução se aproxima da teoria ilusionista de Levý (1969), no sentido de que objetiva transmitir ao leitor da tradução a sensação de estar lendo uma obra originalmente escrita no idioma de chegada.

Ana Lúcia Kfoury traduz o excerto inicial da novela *Of mice and men*, de John Steinbeck, motivada pelo desafio de preservar a variação de registro da língua entre o narrador e as personagens, de modo que essa distinção fosse transposta de modo coerente no sistema de chegada.

Isadora Fortunato comenta sua tradução de “*Passing*”, conto de Langston Hughes, analisando como o autor se aproveita do gênero epistolar para mesclá-lo ao literário e investigando, à luz de teóricos como Berman, que postura tradutória deve ser assumida para que o texto traduzido abarque não apenas o valor semântico das palavras, mas toda a cadeia de significados do texto, contemplando a distinção entre língua falada e escrita e aproximando o leitor da tradução do tipo de crítica pretendida pelo texto-fonte.

Dinaura Julles traduz e comenta “*Unguided Tour*”, conto de Susan Sontag, autora conhecida principalmente por seu trabalho no jornalismo literário e ainda inédita no Brasil como contista. Em “Turismo sem Guia”, a tradutora demonstra que foi possível sustentar a polissemia do texto de Sontag a partir da proposta de desconstrução de Jacques Derrida.

Livia Martuscelli apresenta tradução do conto *Civil Peace*, do autor nigeriano Chinua Achebe, discutindo sobre alguns dos principais dilemas de tradução, dentre eles o modo de se traduzir os diálogos em pidgin da Nigéria.

Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra traduz, da escritora mexicana Socorro Venegas, o conto “O vazio”. O texto narra com um estilo conciso e certo a crise existencial de uma mãe incapaz de estabelecer vínculos afetivos com o seu bebê recém-nascido. Um dos focos da análise de Siqueira Pedra é justificar as escolhas lexicais em sua tradução, como por exemplo a motivação em traduzir “*bueco*” e “*oquedad*” por “vazio”.

Em seu artigo, Mary Anne Warken e Alison Silveira, orientados pela Professora Doutora Odile Cisneros, apresentam duas propostas de tradução comentada do conto “*Solo*”, do escritor chileno Astete Cuadra: Warken o traduz para o português em colaboração com o colega e a orientadora (“*A só*”), e Silveira o traduz para o inglês (“*Alone*”).

Após breve contextualização da narrativa do escritor argentino Federico Falco à luz de Drucaroff (2011) e Sarlo (2012), Rafael Bezerra traduz o conto “*El pelo de la Virgen*”, ressaltando sua estética “desprovida de recursos excepcionais, mas que narra o excepcional”.

No teatro, Fernando Bustamante traduz o prólogo da peça *The Case of Clyde Griffiths*, de Erwin Piscator, ainda inédita em língua portuguesa e parte de sua pesquisa de doutorado, destacando os atributos que a configuram como parte do teatro épico.

Marcelo Paiva de Souza traduz fragmento da peça *Świadkowie albo Nasza Mała Stabilizacja* (“As Testemunhas ou Nossa Pequena Estabilização”), do escritor polonês Tadeusz Różewicz, ressaltando seu valor estético, político e intercultural. Sua tradução é amparada por dois vetores, os quais Paiva descreve como “sua espessura própria como gênero literário e a intrínseca pulsão cênica que o atravessa”.

Nos quadrinhos, Mariana Doninelli analisa, à luz dos estudos de van den Broeck (1981) e Lakoff e Johnson (2002), como se dá a tradução de metáforas em dez tirinhas do Garfield, de Jim Davis, distinguindo paráfrases de traduções literais e estudando possíveis afinidades entre os sistemas conceptuais das culturas estadunidense e brasileira.

No campo da história da tradução, Francisco Manhães Monteiro analisa criação, censura e o papel da oralidade nas traduções produzidas pelo grupo conhecido como a Escola de Tradutores de Toledo, atuante na Espanha medieval.

Fechando o número, Mário Coutinho entrevista Aurora Bernardini, tradutora, crítica literária e professora titular do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo.